

Práticas translíngues no Facebook e a coconstrução de identidades para além do tempo e espaço

Translingual practices on Facebook and the co-construction of identity beyond time and space

Diogo Oliveira do Espírito Santo

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Bahia, Brasil

Resumo: Estudos recentes em Linguística Aplicada e Sociolinguística têm acomodado novas perspectivas teórico-metodológicas na tentativa de explicar a complexa relação entre globalização, identidade e mobilidade. Um dos principais interesses dessas investigações tem sido as maneiras como sujeitos multilíngues empregam diferentes recursos linguísticos para cumprir propósitos comunicativos diversos. Além dessa busca ter feito emergir um conjunto de ferramentas conceituais mais alinhadas aos desafios de se fazer pesquisa aplicada na contemporaneidade, ela também retoma discussões antigas a partir de um olhar alternativo. Assim, neste trabalho, eu parto da imbricação dos conceitos de translinguagem e da noção bakhtiniana de cronotopo como uma forma de melhor entender as configurações espaço-temporais que atuam na constituição identitária de sujeitos multilíngues. Para isso, faço um recorte de uma pesquisa netnográfica, problematizando interações de um sujeito multilíngue em *posts* publicados em sua página do *Facebook*. Busco, assim, apresentar caminhos para a investigação da relação entre tempo, espaço e práticas translíngues e de seu impacto na coconstrução de posicionamentos identitários on-line.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Cronotopo. Translinguagem.

Abstract: Recent Applied Linguistics and Sociolinguistics scholarship has accommodated new theoretical and methodological perspectives as an attempt to account for the complex relationship between globalization, identity and mobility. One of the main interests of this body of research has focused on the investigation of how multilingual speakers employ a wide range of semiotic resources to communicate. Such an attempt has paved the way for not only the inclusion of a new vocabulary in contemporary applied research, but also for a return to old debates through different lenses. So, in this text, I rely on the connectedness of the concepts of translinguaging and the Bakhtinian notion of chronotope as an alternative way to better understand the spacetime configurations that underlie multilinguals' identities. In order to do so, I draw on netnographic data to look at Facebook interactions of a multilingual speaker. Therefore, I aim to provide a framework for the analysis of the dynamic relationship between time, space and translingual practices and its impact on the co-construction of online identity positionings.

Keywords: Time. Space. Chronotope. Translinguaging.

1 UMA INTRODUÇÃO À MULTIPLICIDADE DE ESPAÇOS-TEMPOS NO FACEBOOK

No dia 13 de fevereiro de 2018, qualquer um com uma conta no *Facebook* (FB) e tivesse acesso à linha do tempo (*timeline*) de “D”¹, um falante multilíngue de Bangladesh e usuário ativo dessa rede social, poderia receber uma notificação de publicação cujo conteúdo girava em torno de mais uma de suas experiências como migrante nos Estados Unidos. O *post*, iniciado com a seguinte frase: “Momento engraçado que vivi nos Estados Unidos”, foi escrito numa imbricação do que podemos conceber como duas línguas diferentes (bengali e inglês) e tratava de um encontro de “D” com uma norte-americana que tentava “adivinhar” a sua origem. Nos comentários, era possível ter acesso a diferentes reações de “amigos” conectados àquele perfil, ora lamentando o suposto caso de racismo sofrido pelo sujeito, ora minimizando a situação com mensagens bem-humoradas e *emojis* felizes. Outros ainda rememoram situações semelhantes que viveram quando moravam em outros países. Quem seguia “D” no FB sabia que postagens daquela natureza eram comuns, já que suas vivências estavam à ponta dos dedos, publicizadas e compartilhadas a todo instante por meio de narrativas curtas, fotos e vídeos. Na seção “acontecimentos”, era possível acessar memórias de seis anos atrás de quando “D” saiu de Bangladesh e vai morar nos Estados Unidos para iniciar sua carreira acadêmica. Além disso, rastros deixados pelas atualizações de *status* que traziam a hora e o lugar em que o sujeito fez *check-in* em estabelecimentos por onde passou compunham aquele cenário de práticas que se desenrolavam em uma multiplicidade de tempos e espaços.

O fato de que naquele 13 de fevereiro, no momento da postagem do texto, “D” não só estava em local diferente daquele do encontro com a norte-americana, como também já havia publicado outros textos que tratavam de narrativas cotidianas mais recentes, nos leva a compreender que uma rede social como o *Facebook* desafia as fronteiras de tempo e espaço tais como tendemos a concebê-los (tempo cronológico e espaço geográfico). Ao passo que a *timeline* permite aos seus usuários o emprego de diferentes recursos semióticos (fotos, vídeos, línguas) para performarem suas identidades, ela também mantém o passado presente, de uma maneira direta e acessível, no mesmo espaço onde o próprio presente se desenrola. Com essa breve cena on-line, inicio este artigo que busca estudar práticas de linguagem de sujeitos multilíngues e as noções de tempo e espaço como coconstruídas discursivamente. O FB servirá de pano de fundo para essa discussão, tanto pela sua posição de destaque entre as redes sociais² mais acessadas como também porque foi um dos objetos de estudo da pesquisa de doutorado³ cujos dados serão aqui discutidos. Dessa maneira, o FB não será estudado apenas como uma rede social para “compartilhar e se conectar com as pessoas”. Além disso, será compreendido como um espaço onde sujeitos se engajam e conectam relações temporais e espaciais específicas para e na negociação de suas performances identitárias.

¹ Foram usados pseudônimos para identificar os sujeitos participantes da pesquisa.

² Segundo dados do Statista, o *Facebook* foi a rede social mais utilizada em 2022, com quase 3 bilhões de usuários mensais.

³ A pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética em Pesquisa de uma universidade federal do Brasil.

Face ao exposto, para me aprofundar na concepção do *Facebook* como mediador de relações que extrapolam e põem em xeque o aqui e agora da comunicação, me volto para as discussões sobre tempo e espaço nos estudos da linguagem, com foco nos debates recentes sobre o conceito bakhtiniano de *cronotopo*, por acreditar que ele nos permite “transver” o que temos compreendido como *contexto* e *identidade* nas análises de práticas comunicativas em espaços-tempos virtuais. Por sua vez, essas práticas são analisadas sob a ótica da translíngua, perspectiva que vem ganhando destaque nos estudos em Linguística Aplicada e Sociolinguística pela sua proposta questionadora da herança monolíngue nos trabalhos sobre bi/multilinguismo. Em seguida, avanço na discussão da organização cronotópica do FB, buscando ressaltar as conexões com o que Li (2011) denominou de *espaço translíngue*. Para isso, dados de uma pesquisa netnográfica são analisados, a fim de trazer à tona as complexas relações cronotópicas negociadas em publicações de um sujeito multilíngue. Concluo destacando a necessidade de revisarmos nossos aparatos teórico-conceituais como um modo de responder, satisfatoriamente, aos desafios de se fazer pesquisas sobre práticas identitárias em que uma gama de relações e recursos linguísticos é negociada.

2 A ORGANIZAÇÃO CRONOTÓPICA DAS IDENTIDADES

O *espaço*, como conceito teórico para e na investigação das práticas de linguagem, foi, metaforicamente, tratado como um “*container*” inerte e vazio e um sistema coordenado de locais discretos e mutuamente exclusivos (Smith; Katz, 1993). Essa metáfora deixa sugerido que, além de se embasar em concepções neutras ou absolutas, ela camufla a visão política e social de espaço, enquanto negociado em determinadas configurações temporais. Em oposição a essa visão, tem-se advogado a compreensão de espaço como envolvido de pessoas, recursos e interações que transcendem fronteiras nacionais e limites temporais, o que impulsionou estudiosos a se orientarem por uma definição mais abrangente e menos dicotômica do conceito (ou espaço ou lugar)⁴ em suas investigações. Assim, muito do que se tem discutido contemporaneamente sobre o conceito de espaço retoma, de alguma maneira, os estudos de Bakhtin sobre cronotopo, os quais discuto logo em seguida. Nos trabalhos de Bakhtin (1981; 1993), a discussão do tempo (*chronos*) e do espaço (*topos*) se fundamenta em sua crítica à visão transcendental proposta por Kant. Segundo o filósofo russo, o tempo e o espaço não seriam formas subjetivas apriorísticas que atuariam como condições transcendentais do conhecimento, mas conteúdos materiais objetivos da própria realidade efetiva que determinam as condições de representação da experiência, delimitando, assim, as possibilidades de concretização artística (Brandão, 2012). Para Brandão (2012), é possível perceber nessa crítica uma aproximação do conceito de tempo e de espaço bakhtiniano com as teorias de Einstein, para o qual o

⁴ Higgins (2017) traz uma importante discussão sobre a diferença entre *espaço* e *lugar*. Para essa autora, o conceito de *espaço* é muito mais produtivo por se referir ao nexos de atividades em constante mudança que tomam forma em um determinado lugar. Tal visão nos permite, assim, investigar, com mais precisão, como sujeitos multilíngues experienciam espaço e como eles empregam recursos semióticos em seus locais de prática.

espaço-tempo constituiria um *continuum*, logo, impossibilitando de se dissociar as coordenadas de um corpo no espaço desse mesmo corpo no tempo. Nota-se, com isso, os pontos que ligam a visão de espaço-tempo de Einstein com o conceito de cronotopo bakhtiniano. Vale pontuar, no entanto, como discutido por Brandão (2012, p. 14-15) que

[s]e para Einstein o problema da natureza do espaço era essencial, sendo o espaço ‘concebido como um lugar de ação de um campo [de forças, no caso, gravitacionais]’, para Bakhtin interessam os tempos da realidade do mundo (o tempo físico dos acontecimentos no mundo, o tempo histórico da cultura, o tempo biográfico do homem).

Dessa maneira, o teórico russo retoma as categorias tempo e espaço nos termos kantianos e de Einstein e as une com a unidade interna do sentido que está contida no ser, através de seu lugar único no mundo, um lugar que é espaço-temporal, exotópico, histórico e prene de valores axiológicos.

O conceito de cronotopo se refere à conexão intrínseca entre relações espaço-temporais no romance. Ele expressa a “inseparabilidade de tempo e espaço” compreendida como uma “categoria constitutiva da literatura” (Bakhtin, 1981) e, como tal, orienta os posicionamentos dos sujeitos. Esses posicionamentos (ou a imagem do homem, nas palavras de Bakhtin) são cronotopicamente organizados, uma vez que o tempo e o espaço são inseparáveis tanto na construção da narrativa como na constituição dos próprios personagens, como se esses se fundissem, formando um todo concreto, isto é, um cronotopo. Assim, nas palavras de Bezerra (2018, p. 217), “[...] o cronotopo determina a unidade artística de uma obra literária em sua relação com a autêntica realidade [...]”.

Para Bakhtin (1993, p. 215):

[t]odos os elementos do romance (em sua forma abstrata) enumerados por nós sem exceção, sejam os de enredo, os descritivos ou os retóricos, não são de modo algum novos: todos eles encontravam-se e foram bem desenvolvidos em outros gêneros da literatura clássica [...]. Entretanto, todos esses elementos de variados tipos de gênero são aqui fundidos e ligados numa nova unidade específica de romance, cujo elemento constitutivo é o tempo [...]. Num cronotopo completamente novo [...], os elementos de vários tipos de gênero adquiriram novo caráter e funções particulares, e por isso deixaram de ser o que eram em outros gêneros.

Bakhtin demonstra, assim, que a investigação de como o tempo e o espaço são conceituados e interligados pode ajudar na diferenciação dos gêneros literários a partir da caracterização dos tipos específicos de personagens que aparecem nessas narrativas. Com isso, o filósofo mostra como diferentes cronotopos (romance de aventura e romance biográfico, por exemplo) colaboram para a definição das diferenças entre os gêneros e personagens, até mesmo quando as temáticas e histórias desenvolvidas compartilham algumas semelhanças.

Desse modo, a partir do cronotopo, seria possível descrever as múltiplas configurações espaço-temporais que coocorrem, não apenas em textos literários, mas de forma geral, em cronotopos culturais, como recortes de tempo, espaço e

(inter)subjetividade através dos quais os sujeitos se orientam quando interagem uns com os outros. Portanto, na perspectiva de Agha (2007) e Blommaert (2015), não seria incorreto afirmar que toda ação de linguagem é organizada de forma cronotópica, já que ela é situada em relações espaço-temporais específicas e enquanto se desenvolve no aqui e agora da interação, aponta para outras histórias, experiências e discursos. Logo, nessa lógica, o tempo e o espaço não são pensados como meros pano de fundo para a ação social; ao invés disso, entende-se que os sujeitos se engajam em configurações espaço-temporais particulares para se posicionarem discursivamente.

A noção de posicionamento (Harré; Van Langenhove, 1999) é relevante para este estudo, uma vez que ao invés de relacionar o construto *identidade* a essencialismos e/ou categorias fixas como gênero, raça e sexualidade, por exemplo, ele é concebido como uma relação entre posições discursivas atribuídas, negociadas e desafiadas pelos sujeitos em encontros sociais. Por conta da natureza relacional (Bucholtz; Hall, 2010) e de seus fundamentos no “aqui e agora” da comunicação, estudos sobre posicionamento assumem que estamos, a todo momento, *fazendo* identidades no discurso. Conseqüentemente, através de nossas práticas de linguagem, respondemos a e confrontamos configurações espaço-temporais que podem impedir ou possibilitar a atribuição de novos posicionamentos identitários. Nesses termos, compreendo identidade, portanto, como processos discursivos a partir dos quais os sujeitos empregam formas de tempo e espaço, ou cronotopos, para construir sentido. Essa cronotopia, assim, indexa não só a natureza mutável do mundo social, mas também as possibilidades de agência em contextos (ou cronotopos) específicos de interação.

Voltando a esse debate, cito Blommaert (2018) que, ao ser questionado sobre a pertinência de um novo nome para o *contexto*, explica que o que está em jogo não é uma simples substituição de uma palavra por outra, mas a necessidade de uma outra orientação epistemológica para o estudo das práticas de linguagem de nossos tempos. Fundamentando-se em outros autores que já haviam se debruçado sobre a questão, Blommaert (2018) defende que cronotopo é sim válido como ferramenta teórico-analítica, uma vez que ele nos convida a (re)avaliar a nossa própria compreensão sobre o papel do contexto em nossas investigações sobre a linguagem ao nos oferecer caminhos possíveis para

[...] tratar aspectos de contexto frequentemente ignorados ou subestimados nas pesquisas e tratá-los com precisão como elementos não casuais de situações sociais que podem dizer muito sobre como as pessoas fazem sentido da estrutura social em momentos reais de ação social [...]. (Blommaert, 2018, p. 6)⁵

Assumir uma perspectiva cronotópica de contexto e identidade significa, então, compreender as posições discursivas dos atores sociais não como construídas em redes neutras de interação, mas como formas particulares de tempo e espaço que emergem da própria ação social a partir de posicionamentos discursivos diversos. Nesse viés, portanto, a linguagem se torna recurso essencial na constituição espaço-temporal das identidades.

⁵ A tradução de citações em língua estrangeira para o português é de minha responsabilidade.

2.1 Articulação com propostas bakhtinianas

Interessados na relação entre globalização, superdiversidade e identidade, um número crescente de estudiosos tem lançado mão dos pressupostos bakhtinianos como uma proposta para pensar as práticas identitárias como cronotopicamente organizadas, evidenciando que os posicionamentos dos sujeitos, afetados por uma profusão de influências em diferentes níveis, se movimentam por e entre categorias tradicionais de pertencimento cultural, étnico e linguístico. Diante disso, esses autores defendem o desenvolvimento de outras perspectivas para o que entendemos como identidade e de instrumentos alternativos para a investigação das condições espaço-temporais que permitem a sua negociação.

Em Dovchin (2020), por exemplo, o conceito de cronotopo é empregado para compreender os efeitos do que chama de *linguagem invertida dos jovens*, em práticas digitais no *Facebook*. A partir de dados gerados em uma pesquisa linguístico-etnográfica com jovens da Mongólia, a autora observa como eles performam suas identidades através da estratégia de eufemismo de discursos considerados tabus e do engajamento e interação entre diferentes cronotopos. Numa perspectiva denominada de *macro cronotópica*, Dovchin percebe que a linguagem invertida é usada como um código secreto, incompreensível para *outsiders* de uma comunidade específica no FB e que cria um tipo de linguagem exclusiva, conectando um grupo de sujeitos que buscam se distinguir de outros. Em contrapartida, numa perspectiva *micro*, essa autora observa que tais jovens se envolvem em práticas de linguagem invertida, a partir de usos criativos de diferentes códigos, vozes e recursos em que textos são fundidos e mediados por uma gama de semioses, para criar eufemismos e suavizar palavras e expressões que podem ser consideradas inadequadas ou rudes em determinados espaços sociais. Apesar dos rótulos micro e macro, a autora conclui, por fim, que esses cronotopos se imbricam nas performances identitárias dos sujeitos analisados.

O estudo de Karrebæk e Møller (2020) também expande as propostas de uma abordagem cronotópica, permitindo analisar o relacionamento de diferentes cronotopos em uma sala de aula na Dinamarca a partir da observação de práticas de linguagem de crianças imigrantes. Esses autores discutem que, embora o sistema educacional dinamarquês seja relativamente heterogêneo, ele ainda se embasa num regime linguístico monolíngue, perpetuando práticas que favorecem o dinamarquês como língua de instrução, em detrimento de outras línguas. Karrebæk e Møller (2020) concluem que línguas consideradas “minoritárias” no espaço-tempo escolar são tratadas, em certa medida, como incompatíveis com as opções identitárias oferecidas pelo cronotopo de sala de aula. Falar outras línguas não indexaria a imagem de alunos com sucesso acadêmico; pelo contrário, evocaria cronotopos da sala de aula como um espaço em que essas línguas são tratadas como exóticas e com função de entretenimento.

Blommaert e De Fina (2017) também se pautam no conceito de cronotopo na tentativa de fazer jus à análise de performances identitárias em tempos de mobilidade. Esses autores exploram o conceito bakhtiniano como alternativa a paradigmas que se orientam por termos dicotômicos de representação da identidade como os de micro ou

macro, individual ou social, local ou global. Para eles, essa dicotomia oferece uma interpretação muito limitada da complexidade das práticas discursivas atuais. Nesse sentido, afirmam que

[...] as práticas identitárias demandam condições específicas como mostrado pelo fato de que mudanças nos arranjos espaço-temporais desencadeiam mudanças complexas e às vezes massivas de papéis, discursos, modos de interação, vestimenta, códigos de conduta e critérios para o julgamento do que é um comportamento apropriado ou não, e assim por diante [...]. (Blommaert; De Fina, 2017, p. 5).

Em seu estudo, os autores usam dados de variedades linguísticas de uma escola na Sicília para discutir como as escolhas de línguas dos alunos mudam de acordo com as mudanças nos cronotopos imediatos: o uso do italiano em conversas com professores e do siciliano entre colegas no fundo da sala de aula. Blommaert e De Fina (2017) demonstram com suas discussões sobre cronotopos (vida de estudante, configurações da sala de aula) que as interações entre esses diferentes tempos e espaços são relevantes para a negociação identitária. Em outras palavras, esses autores mostram como o cronotopo de “vida de estudante” pode ser experienciado de maneiras diferentes por alunos diferentes, dependendo dos posicionamentos identitários que esses trazem para a interpretação de suas próprias práticas.

Dessa forma, Blommaert e De Fina (2017) nos conduzem a perceber que, de um lado, a natureza cronotópica das performances identitárias é parte de um entendimento comum de como determinadas comunidades funcionam e que, de outro, tais performances são condicionadas pelas experiências de quem as negocia, envolvendo suas trajetórias ao longo de suas relações espaço-temporais. Logo, as identidades cronotópicas evidenciam como nossas práticas são construídas a partir de outras unidades, isto é, de configurações, discursos e práticas de outros tempos e espaços.

A título de ilustração, retomo o caso do *Facebook*. Se nos atentarmos para a maneira como a própria página da rede está organizada, podemos perceber que os sujeitos se orientam a partir de estruturas temporais e espaciais específicas para agirem. Os *posts* são escritos em espaços reservados e pressupõem algum tipo de relacionamento entre os atores sociais ou um posicionamento valorativo de algum deles sobre determinado assunto/tópico. O propósito social (declarar, anunciar, contestar) também é orientado pelas valorações dos sujeitos e pelo possível público que pode acompanhar a postagem (a esposa, seus familiares, amigos e conhecidos). Postar uma declaração em um formato de *post* público numa página do FB, portanto, evoca princípios, normas e discursos específicos que os diferenciam de uma mensagem privada no *Messenger*, por exemplo.

Desse modo, uma rede social como o *Facebook* conecta sujeitos com níveis de relacionamento construídos em momentos distintos (infância, escola e universidade), cada um com suas histórias, práticas, costumes e posições ideológicas. Logo, aqueles que interagem em uma postagem performam posicionamentos identitários cronotópicos que evocam complexas camadas de histórias em uma nova realidade espaço-temporal, isto é, retomando a citação de Bakhtin (1993, p. 215): “todos esses elementos [...] são aqui

fundidos e ligados numa nova unidade [...]. Num cronotopo completamente novo [...]", aberto a outras negociações e valorações.

Frente ao exposto, os diferentes cronotopos evocados nas mais diversas práticas sociais interagem e coocorrem simultaneamente, oferecendo terreno para novas configurações espaço-temporais. No *Facebook*, por exemplo, estão em competição outros espaços e tempos, com normas e expectativas em relação às postagens, bem como posicionamentos identitários/posturas valorativas que se sobrepõem de diferentes modos. Isso nos leva a considerar que os cronotopos tanto situam discursos em múltiplas relações espaço-temporais, como também fundamentam as condições a partir das quais tais discursos são produzidos, interpretados e avaliados.

Essas relações são potencializadas quando consideramos os repertórios linguísticos tensionados na produção da postagem, o que envolve a imbricação de línguas e demais recursos semióticos. Por isso, é importante debater o conceito de translíngua e problematizar o seu lugar nos estudos sobre tempo e espaço.

3 O FACEBOOK COMO UM ESPAÇO TRANSLÍNGUE

García e Li (2014) atrelam a teorização sobre translíngua (e seus pares correspondentes: translíngüismo, metrolíngüismo, polilíngüismo etc.⁶) a uma virada epistemológica impulsionada pela crítica pós-estrutural à noção de língua como uma entidade autônoma. Inicialmente compreendida como uma prática de ensino e aprendizagem em situações de bilingüismo em que alunos e professores alternavam línguas em sala de aula, a translíngua, mais contemporaneamente, tem orientado investigações sobre a linguagem em diferentes cenários, se configurando tanto como uma perspectiva teórica (Li, 2018), uma prática pedagógica (Canagarajah, 2011; Rocha; Maciel, 2015; Lucena; Cardoso; 2018) e como uma autêntica prática de linguagem de sujeitos lidos como bi/multilíngües (Rampton, 1995; Creese; Blackledge, 2010; García; Li, 2014; Pennycook; Otsuji, 2015).

Para Lucena (2021), a perspectiva translíngüa tem apresentado inúmeras possibilidades para discussão das práticas de linguagem atuais desde outras bases, ressaltando a hibridação e mestiçagem tão características de nossos tempos. Para essa autora, “[...] [a] reavaliação de práticas linguísticas, sob as lentes da translíngua, permite o seu entendimento além de um enquadre normativo, fixo e monolíngüa” (Lucena, 2021, p. 30) e destaca que essa mudança busca responder aos desafios trazidos pela diversidade, tecnologia e pela mobilidade em contextos específicos. Lucena, por fim, esclarece que ao agirem de maneira translíngüa, os sujeitos estão levando a cabo “[...] suas intenções comunicativas, utilizando recursos de seus repertórios linguísticos e a compreensão política e histórica de que têm seus mundos bilíngües” (Lucena, 2021, p. 30).

Ao tensionar a relação entre práticas translíngüas, mobilidade e repertórios, Lucena (2021) reforça o entendimento de que falar de mobilidade é falar também do movimento de línguas e demais recursos semióticos no tempo e espaço. Nesse cenário, a

⁶ Para uma discussão mais ampliada desses e de outros termos, sugiro a leitura de García e Li (2014).

noção de repertório tem sido adotada para problematizar a inseparabilidade entre sujeito, relações espaço-temporais e língua(gens). De acordo com Busch (2012), as escolhas linguísticas dos sujeitos não são determinadas apenas pela situação comunicativa ou pelas regras e convenções sociais; além disso, as práticas de linguagem estão sujeitas às dimensões espaço-temporais da história e biografia. Dessa maneira, a autora enxerga os repertórios linguísticos como construídos pelas trajetórias de vida e experiências pessoais e coletivas dos sujeitos com diferentes línguas, dialetos e discursos.

Enquanto autores utilizam o nome repertório com algumas variações para fazerem referência à gama de recursos semióticos disponíveis aos sujeitos em um determinado tempo e espaço, tais como *repertório verbal* (Gumperz, 1964), *repertório comunicativo* (Rymes, 2014) e *repertório espacial* (Pennycook; Otsuji, 2015; Canagarajah, 2017), outros propõem pensá-lo em paralelo às práticas translíngues, como é o caso de Li (2011) com *translanguaging space*.

Segundo Li (2011), *translanguaging space* é um espaço criado por e para as práticas translíngues, onde os sujeitos desafiam normas linguísticas, enquanto criam outras mais adequadas aos seus propósitos sociais. Esse espaço permite a integração de diferentes práticas que antes eram atreladas a línguas e espaços diferentes em um novo todo (García; Li, 2014), e se torna bastante relevante para os estudos sobre práticas de bi/multilíngues por englobar a capacidade que os sujeitos têm de não apenas construir sentido a partir de múltiplos recursos, mas de transformarem suas próprias realidades.

Para Li (2011, p. 1223), o espaço translíngue “[...] não é um espaço onde diferentes identidades, valores e práticas simplesmente coexistem, mas que se combinam para gerar novas identidades, valores e práticas [...]”. Conforme seu posicionamento, Li entende que o espaço translíngue carrega um sentido indexical especial para os indivíduos, pois a sua criação significa também a criação de regras de interação e de interpretação; logo,

[...] o espaço que esses indivíduos criam para si está localizado em um espaço social mais amplo e interage com outros espaços criados e ocupados por outros indivíduos. Os recursos que os indivíduos usam para criar seu próprio espaço incluem não apenas sua capacidade cognitiva, mas também as experiências e histórias pessoais, atitudes, valores e ideologias que adquiriram a partir de interações com os outros dentro de condições socio-históricas específicas [...]. (Li, 2011, p. 1223).

Diante do exposto, percebo que Li (2011) concebe o espaço translíngue em termos cronotópicos, isto é, um espaço-tempo social negociado por sujeitos que integra diferentes dimensões de suas histórias pessoais e experiências; suas atitudes, crenças e ideologias; sua capacidade cognitiva e física em um único e significativo espaço, capaz de gerar e combinar novos valores, práticas e posicionamentos axiológicos (Li, 2011; 2018). Adicionalmente, conforme Rocha (2019, p. 23), embasada em Mazak (2017), “[...] espaços ou ambientes translíngues evidenciam o engajamento estratégico desses falantes por meio de seus repertórios, o que, por sua vez, requer também o reconhecimento das consequências identitárias dessas performances [...]”. Nessa perspectiva, o espaço translíngue é tanto um espaço para a ação identitária, assim como um espaço criado a partir dela. Retomando as perspectivas já discutidas, é possível defender que o FB é um

espaço negociado, modelado e modelador de práticas ideológicas construídas em outros espaços-tempos. Nesse sentido, as práticas translíngues negociadas nessa rede social devem ser compreendidas como um elo entre diferentes cronotopos e possibilidades de ação de linguagem. Portanto, neste texto, argumento a favor do entendimento do FB como um espaço potencial de linguagem e para a linguagem; isto é, nunca neutro ou indiscutivelmente democrático, ao contrário disso, como uma rede onde normas e relações de poder são contestadas. Em termos bakhtinianos, as práticas discursivas negociadas nesse espaço-tempo colocam em evidência como a linguagem é sempre um campo/espaço/rede de luta social, histórica e ideologicamente orientada.

4 O ESPAÇO-TEMPO DA PESQUISA NETNOGRÁFICA

A pesquisa na qual este texto se embasa é do tipo netnográfica, isto é, uma abordagem etnográfica de estudos de práticas de linguagem de/em comunidades on-line (KOZINETTS, 2010), cujos dados são gerados através de instrumentos também on-line. Os dados aqui apresentados foram levantados a partir de: coletas de *posts* do *Facebook* de um dos quatro sujeitos participantes da pesquisa; notas de diários de observação de suas práticas comunicativas nessa rede social; entrevistas conduzidas por plataformas de videoconferência; e questionários enviados eletronicamente.

Os *posts* escolhidos para este estudo foram publicados pelo sujeito “D”, entre os anos de 2018 e 2019. “D”, com o qual abri este artigo, é um professor natural de Bangladesh, país do sul da Ásia. Ele é casado com uma norte-americana e afirma ser proficiente em bengali e inglês, enquanto compreende um pouco de árabe. No momento da publicação dos textos aqui analisados, “D” morava nos Estados Unidos, onde realizava estudos de pós-graduação e ensinava em uma universidade.

Após a coleta dos *posts* que foram escolhidos por trazerem uma evidente composição híbrida de recursos semióticos (imagens, vídeos e línguas), foi iniciada uma análise com base nos pressupostos da translíngua. Em seguida, o sujeito foi convidado a participar de sessões de entrevista cujo objetivo era trazer a sua própria interpretação dos textos. Na última etapa, os *posts* foram retomados para uma nova análise, agora com base na proposta das *pistas indexicais* de Wortham (2001), pensadas como uma possibilidade analítica de práticas discursivas em que recursos linguísticos apontam para (indexam) um conjunto variado de discursos, crenças, valores e normas sociais.

Essas pistas podem ser resumidas em: *referência* – elementos do mundo aos quais o sujeito se refere; *predicação* – a caracterização dos elementos predicados; *indexicais avaliativos* – uma vasta categoria de signos que apontam para contextos relevantes de maneira a caracterizar e avaliar grupos ou sujeitos sociais; *descritores metapragmáticos* – verbos que descrevem e avaliam ações dos sujeitos, os chamados verbos *discendi* (de dizer); *modalizadores epistêmicos* – expressões do grau de verdade atribuído pelo sujeito a sua enunciação; e *citação* – representação de um evento de fala, combinando a referência a um personagem citado, o verbo metapragmático e a enunciação citada.

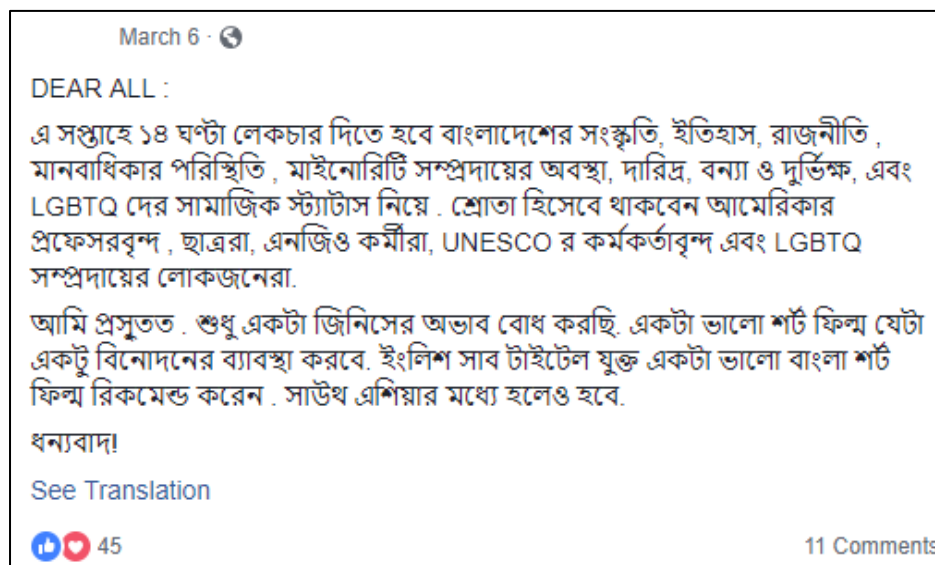
Wortham (2001) desenvolveu esse arcabouço com o intuito de permitir uma análise mais acurada dos processos de coconstrução identitária através do discurso. Sua proposta embasa-se na noção de *posicionamento* aqui já discutida e de *enunciado* bakhtiniano,

já que seu interesse é “[...] oferecer uma descrição detalhada de como discursos de narrativas autobiográficas posicionam pessoas ‘dialogicamente’ com relação a outras ‘vozes’” (Wortham, 2001, introdução, p. xii). -Dessa maneira, Wortham, assim como este texto, está interessado na prática de linguagem como um *enunciado concreto*, através do qual o sujeito assume, diante de outros enunciados, uma postura ativamente responsiva, materializada em posicionamentos identitários que se orientam por uma visão de mundo específica, oriunda da realidade socio-histórica na qual os sujeitos estão imersos. É por esse motivo que na seção que segue, farei referência aos textos analisados como *enunciados translíngues*.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE ENUNCIADOS TRANSLÍNGUES

O enunciado translíngue que segue se trata de uma atualização de *status* de “D”, em que ele narra situações cotidianas de sua vida universitária. Iniciarei com parte desse *post* para discutir as suas condições de produção e, na sequência, apresentarei e discutirei a participação de “amigos” de “D” realizada na seção de “comentários”.

Figura 1 – Print de enunciado translíngue 1⁷



Fonte: Autor, 2021

⁷ Tradução: “D”: QUERIDOS/AS TODOS/AS: Esta semana será muito louca porque tenho que dar várias palestras sobre a cultura, história, política, direitos humanos, minorias, pobreza, alagamento e a condição social da comunidade LGBTQ em Bangladesh. Meu público será professores, alunos, assistentes sociais, alguns secretários da UNESCO e alguns membros do clube LGBTQ da universidade. Embora seja desafiador, eu estou pronto. Mas acho que preciso de uma representação visual da minha cultura. E um curta-metragem pode ser uma boa forma de representar a minha cultura. Por favor, me recomendem algum filme que representa a cultura e os valores de Bangladesh. Qualquer filme sul-asiático será ok também. Obrigado!

Pelo que se pode compreender, fica sugerido no enunciado o convite para o público assistir a uma palestra que “D” faria em sua universidade. É possível perceber nele a predominância e combinação de recursos comumente relacionados às línguas bengali e inglesa. O uso de recursos do bengali predomina, enquanto os de inglês estão reservados à escrita dos acrônimos *LGBTQ* e *UNESCO* e do *DEAR ALL*.

Entretanto, para compreender tal enunciado como uma atividade translíngua não é suficiente apenas apontar quais recursos foram empregados pelos sujeitos, mas revelar como eles funcionam em conjunto, criando um todo diferente (García; Li, 2014). Dessa forma, será possível ter acesso a uma gama de pistas sobre a identidade étnica, linguística, bem como a escolaridade de “D”, onde vive e seus interesses de pesquisa, por exemplo. Com isso em mente, é adequado afirmar que tais pistas apontam para diferentes relações cronotópicas mediadas por diferentes normas e expectativas. Falarei sobre a relação na sequência.

5.1 Constelação de vozes, cronotopos e construção coletiva de identidade

Como já vimos, o FB pode ser compreendido como um espaço cronotopicamente organizado. Partindo disso, para a análise de práticas translíngues nessa rede social, a nossa atenção se desloca de uma percepção unidimensional dos signos (com foco nos significados denotativos) para uma multidimensional. Nessa ótica, o foco se centra nos sentidos indexicais que revelam conexões particulares entre discursos e práticas culturais mais amplas. Desse modo, qualquer enunciado produzido envolve uma gama de cronotopos; como exemplo, o conteúdo temático de um *post* carrega determinadas estruturas normativas que podem ser contestadas, negociadas e desenvolvidas por outros usuários e, com isso, evocar configurações experienciais, discursivas, ideológicas e espaço-temporais diferentes.

Nesses termos, as práticas de linguagem desenvolvidas a partir do FB, por não envolverem uma copresença física, mas virtual, abarca um número desconhecido de potenciais participantes e, conseqüentemente, de posicionamentos identitários, combinados em enquadres flexíveis de tempo e espaço. No caso da publicação de *posts* sobre a vida universitária, por exemplo, “D” pode performar um posicionamento acadêmico e, ao mesmo tempo, se engajar em práticas que manifestam suas relações familiares, profissionais e de amizade. Considerando esse cenário, portanto, todos esses espaços e tempos podem se conectar uns com os outros em vários tipos de interação que se materializam, simultaneamente, seja através da menção a nomes específicos como “casa”, “universidade”, seja até mesmo do uso de dêiticos como “aqui” e “lá”. Voltemos a nossa atenção ao *post* de “D” para ilustrar o que trouxe até o momento.

É possível sugerir que a maneira como “D” evoca diferentes configurações espaço-temporais em seu *post* se dá a partir das escolhas semióticas que ele realiza. Para fundamentar essa sugestão, utilizarei as pistas indexicais de Wortham (2001) anteriormente mencionadas. A partir delas, pode-se observar, por exemplo, que a utilização dos itens lexicais “minha cultura” e “a cultura e os valores de Bangladesh” se configura como uma importante estratégia de autoposicionamento, demonstrando o *status* epistêmico de “D” como conhecedor ou “pertencente” à cultura bangladeshiana, o que

indica também a sua identidade étnica e linguística. Além disso, um encadeamento de predicções para o referente “eu”: “tenho que dar várias palestras sobre...”, “estou pronto”, “preciso de uma representação visual da minha cultura” e do uso do modalizador “eu acho”, além de reforçar esse autoposicionamento, confere ao sujeito lugar legítimo de representante dessa cultura.

Esse último ponto fica ainda mais aparente quando “D” evoca outras normas, tempos e espaços através dos itens lexicais “professores”, “alunos”, “assistentes sociais”, “UNESCO”, “membros do clube LGBTQ da universidade”, e quando predica o referente “dar palestra” como “desafiador”, que ao serem mobilizados dão credibilidade ao seu discurso. O apelo a tais cronotopos é estratégico – eles conferem a “D” credenciais que lhe permitem falar sobre o assunto como uma autoridade. Logo, o manejo de tais pistas entra em cena como uma estratégia para atribuir o lugar de “D” como autêntico representante da cultura bangladeshiana a fatores externos, assim como evocar uma gama de configurações espaço-temporais.

O curioso nessas práticas que versam, basicamente, sobre a sua vida acadêmica nos EUA e sobre sua relação com seu país de origem é que elas são recorrentes em grande parte de suas publicações. Logo, quem acompanha as suas postagens consegue reconhecer que quando aquelas pistas são empregadas, mesmo sem referência explícita a um espaço-tempo específico, o sujeito está se reportando à sua vida naqueles países e às práticas dela decorrentes. Isso nos leva a perceber que os cronotopos passam a ser reconhecidos como tais a partir de duas condições principais: a *generalizabilidade* e a *fractalidade*⁸.

Segundo Blommaert (2015), a generalizabilidade envolvida na prática cronotópica se refere à percepção de que todo ato de linguagem é marcado por diferentes períodos de nossas vidas e, como tais, possui suas próprias práticas culturais. O primeiro *post* apresenta um exemplo: uma qualificação cronotópica como “vida universitária” pode ser estendida a qualquer prática que possa estar ligada a ou condicionada por configurações espaço-temporais específicas. Dito de outra forma, essas configurações nos revelam formas específicas de práticas e construção identitária, condicionadas aos diferentes estágios de vida daqueles que as performam, envolvendo também trajetórias em diferentes lugares de socialização.

Já a fractalidade está ligada à generalizabilidade. Ainda conforme Blommaert (2015), não podemos confinar as práticas cronotópicas a grandes estágios de nossa vida apenas, porque dentro de cada intervalo de tempo mais restrito outras configurações de espaço-tempo podem coocorrer. Voltando ao exemplo do cronotopo de “vida universitária”, é possível perceber que outros espaços e tempos estão em competição, como “estudar para provas”, “ter reunião com professores”, “formar-se”, “apresentar trabalhos”, etc. Logo, as normas relativamente estáveis atreladas a essas configurações se interrelacionam, expandindo ou limitando as opções identitárias dos sujeitos envolvidos. Destarte, com base nos termos propostos por Blommaert (2015), é possível compreender como as pistas indexicais e as performances encenadas por “D” passam a ser entendidas como tais. Seus “amigos” se embasam em práticas habituais desenvolvidas em outros

⁸ Essas são a minha tradução dos termos, uma vez que não foi possível encontrar publicação em língua portuguesa sobre eles.

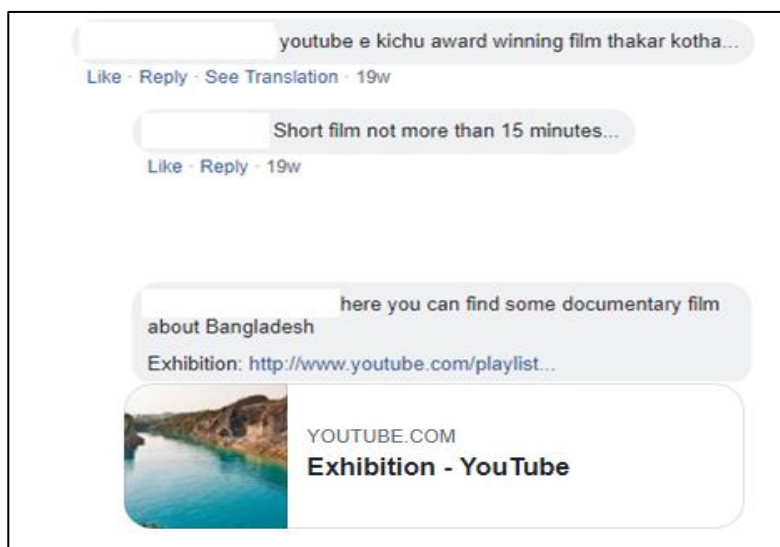
tempos e espaços que servem como orientadoras de suas valorações sobre o que é postado.

Complementarmente, evocar cronotopos, da forma como realizado por “D”, nos apresenta ainda outras duas possibilidades de debate sobre performances identitárias: uma diz respeito à construção coletiva de espaços-tempos e a outra à definição cronotópica do FB nos termos do próprio sujeito. E aqui entra a participação de seus “amigos” na coconstrução de seus enunciados.

5.2 “Eu não misturo línguas nos comentários”

Se voltarmos a nossa atenção aos cronotopos mobilizados por “D” em sua tentativa de se autoposicionar como legítimo representante de uma cultura específica, nos deparamos com a possibilidade de que tal identidade não seja construída individualmente apenas naquele espaço-tempo. Ao solicitar dos seus “amigos” recomendações de “algum filme que representa a cultura e os valores de Bangladesh” ou “Qualquer filme sul-asiático”, “D” se engaja em processos de coconstrução identitária, uma vez que as recomendações representarão também posições axiológicas outras sobre o que pode vir a ser a cultura e os valores de Bangladesh. Observem que nesse “pedido”, “D” abre oportunidades para que outras experiências cronotópicas sejam negociadas no espaço-tempo do FB. Os recortes, trazidos a seguir, são partes de uma camada de comentários do *post* aqui analisado:

Figura 2 – Print de enunciado translíngue 2⁹



Fonte: Autor, 2021

⁹ Tradução: “SUJEITO 1”: você pode encontrar alguns de nossos filmes premiados no youtube...

“D”: Curta-metragem, não mais do que 15 minutos...

“SUJEITO 1”: aqui você pode encontrar alguns documentários sobre Bangladesh

[Disponibiliza um *link* do Youtube]

Nesse novo cronotopo, temos a participação de “Sujeito 1”, também de Bangladesh, que ao acatar a posição atribuída por “D” acaba, ao mesmo tempo, se posicionando como aquele que tem autoridade para sugerir produções culturais sobre o país. É importante ressaltar, no entanto, que a sugestão feita por “Sujeito 1” é, na verdade, seu posicionamento valorativo do que ele compreende como “cultura e valores de Bangladesh”. Portanto, essas noções são negociadas a partir dos posicionamentos assumidos pelos sujeitos que enunciam, não dadas *a priori*.

Frente ao exposto, sugere-se que a performance de uma identidade “bengali”, nesse espaço-tempo seja uma prática de construção coletiva, que remete aos posicionamentos dos sujeitos envolvidos sobre o que eles percebem como sendo “cultura” e “valor”, genuinamente, bangladeshianos. Os diferentes cronotopos em disputa representam diferentes configurações, normas e ideologias que apontam para o passado (as experiências que ambos os sujeitos construíram antes da interação no *post* - generalizabilidade), para o presente (o posicionamento axiológico frente ao que é anunciado) e para o futuro (é provável que “D” confira se as sugestões oferecidas pelos sujeitos representam, de fato, o que ele compreende como “cultura” e “valores” de Bangladesh).

Voltando para a segunda possibilidade de performance identitária, anteriormente mencionada, apresento um trecho de uma resposta de “D” trazida em um dos questionários enviados. Nesse questionário, o sujeito apresenta os motivos/propósitos que orientam as suas práticas translíngues no FB:

Eu não misturo bengali e inglês nos comentários, embora eu alterne os códigos na escrita de meus posts. (Questionário).

O que se infere por meio desse posicionamento é que “D” tem consciência de como a organização cronotópica do FB pode atender aos seus propósitos comunicativos. Nesse trecho, o sujeito revela as suas próprias normas para utilização dessa rede social, que foram corroboradas a partir das análises realizadas das anotações de campo. Após registro das observações das publicações de “D”, percebi que o sujeito responde aos comentários de seus *posts* sempre com recursos de uma língua apenas (normalmente, a língua adotada pelo “amigo”), e nunca através de uma prática de hibridação. Tal fato retoma a afirmação de Blommaert e De Fina (2017, p. 3) de que

[...] [c]onfigurações específicas de espaço-tempo possibilitam ou sancionam modos específicos de se comportar como positivos, desejáveis ou compulsórios [...], e isso acontece através do emprego e da avaliação de indexicais cronotópicos relevantes – indexicais que adquirem um certo valor reconhecível quando mobilizados dentro de uma configuração espaço-temporal particular.

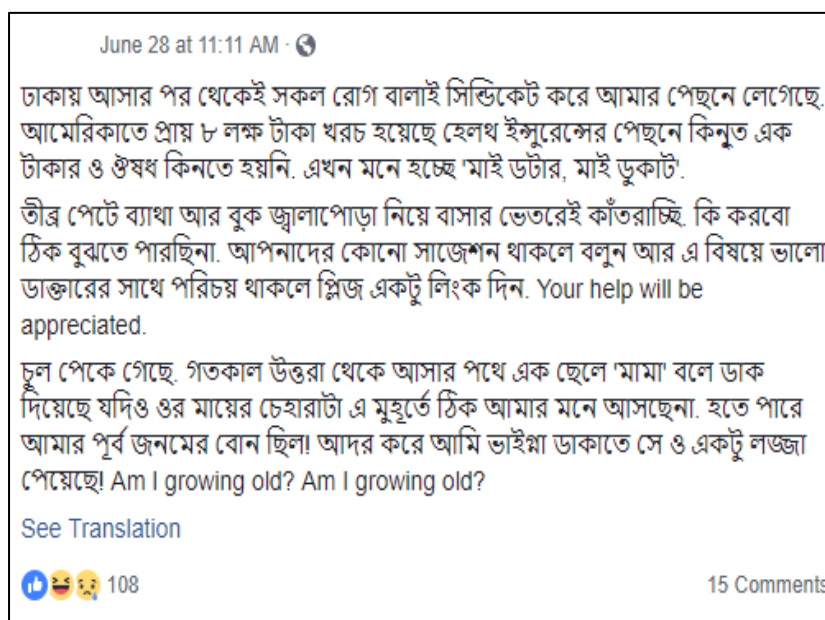
No caso em questão, penso que os recursos linguísticos empregados podem ser considerados como *indexicais cronotópicos*. O espaço da publicação de um *post*, nesse sentido, é reservado para a mistura, hibridação, ao passo que a seção de comentários é marcada pelo alinhamento ao recurso empregado pelo outro. Em conjunto, tais seções são vistas como espaços potencialmente translíngues, (re)criados para atender às necessidades

comunicativas dos sujeitos. Isso posto, o manejo de recursos semióticos e sua “adequação” a espaços-tempos específicos no FB nos conduzem a interpretar que as práticas translíngues são negociadas em diferentes camadas que representam a natureza cronotópica do ato de linguagem, e essa, por sua vez, contribui para definir quais performances são possíveis em cada espaço e tempo.

5.3 Transportando textos para novos cronotopos

Evocar cronotopos e, conseqüentemente, diferentes vozes e discursos a partir do manejo de recursos semióticos, é uma estratégia recorrente nas publicações de “D”. No *post* que segue, trago exemplos:

Figura 3 – Print de enunciado translíngua 3¹⁰



Fonte: Autor, 2021

¹⁰ **Tradução:** “D”: Depois de voltar para Dacca, eu venho sofrendo de muitas doenças como se todas elas tivessem formado um sindicato para me atacar como um ato de vingança. Quando eu estava nos Estados Unidos, eu paguei por um ótimo plano de saúde para me prevenir de doenças, mas nunca precisei comprar remédios. Agora, parece que depois de voltar para Bangladesh, eu perdi tanto “minha filha quanto meus ducados”.

Estou tendo sérias dores no estômago agora. E eu realmente não sei o que fazer e como melhorar isso. Se você conhece algum médico bom na cidade, por favor me indique um ou poste os links deles aqui. Sua ajuda será muito bem-vinda.

Meu cabelo está ficando grisalho. Ontem, quando estava no ônibus, um garoto chegou até mim perguntando se eu era o seu tio, embora eu nem lembre o rosto de minha própria irmã (sua mãe). Estou ficando velho? Estou ficando velho?

Nesse *post*, observamos “D” comentando sobre seu estado de saúde após sua chegada à terra natal e convidando seus “amigos” a ajudá-lo nesse período de reajuste. O emprego da sentença *Your help will be appreciated* (Sua ajuda será muito bem-vinda) dá indícios dessa afirmação. Além disso, “D” percebe que desde quando retornou dos Estados Unidos, não só sua saúde piorou, como alguns cabelos grisalhos também começaram a aparecer. Ele lamenta o fato enunciando que perdeu “tanto minha filha quanto meus ducados” e finaliza o *post* com: *Am I growing old? Am I growing old?* (Estou ficando velho? Estou ficando velho?). Nesse momento, se torna vital compreender o que está por trás do emprego desses enunciados.

Em entrevistas e questionários aplicados, “D” deixou clara a sua paixão pelos estudos que desenvolve na área de literatura e aponta ser esse um dos motivos de ter evocado as pistas indexicais de citação “minha filha e meus ducados” e “Estou ficando velho?”. Esses trechos foram citados a partir de dois trabalhos literários: o primeiro deles é de autoria de William Shakespeare, *O Mercador de Veneza*, peça em que um judeu, Shylock, tem parte de sua fortuna roubada por sua filha, Jéssica, ao fugir com Lorenzo, amigo de um dos seus inimigos. Ao descobrir a fuga, Shylock grita: “Minha filha! Meus ducados”, indicando sua indignação pela perda de duas de suas posses.

No *post*, esses enunciados são trazidos em um novo cronotopo: “filha” e “ducados” passam a ter um outro valor semiótico, evocando o cronotopo de saúde. “D” manipula, assim, diferentes vivências associadas a diferentes espaços-tempos de suas experiências. Ele indica não só de onde enuncia: “Depois de voltar para Daca”; “parece que depois de voltar para Bangladesh...”; onde estava: “Quando eu estava nos Estados Unidos”; e seu estado atual: “eu venho sofrendo de muitas doenças”; “Estou tendo sérias dores no estômago agora”; “Meu cabelo está ficando grisalho”; mas também nos revela as vozes literárias que modelam suas experiências.

A segunda obra literária usada como referência para a enunciação de “D” é o poema *A canção de amor de J. Alfred Prufrock*, escrito pelo inglês, T.S. Eliot. Em seu enunciado, “D” se assemelha à persona de Prufrock, que vivia na constante luta contra a sua existência e velhice. Na obra, em um de seus devaneios, Prufrock exclama: *I grow old... I grow old...* (Eu envelheço... Eu envelheço...). De igual modo, “D” inclui as vozes de Prufrock como forma de demonstrar sua angústia por ter voltado ao seu país e não estar seguro sobre o seu corpo e aparência.

Quando questionado sobre o fato de ter escrito o *post* nessa configuração de vozes, “D” afirma:

Foi um processo automático. Eu simplesmente expressei os meus sentimentos. Eu venho de um plano literário, assim como muitos de meus amigos [do Facebook]. Eu quis dizer com isso que eu estou me tornando como Prufrock, não se firmando em nenhum lugar e perdendo a confiança sobre meu corpo. (Questionário).

O que é possível inferir dessa constelação de vozes é que cronotopos específicos produzem posicionamentos identitários, ações, sentidos e valores também particulares. Empregá-los e compreendê-los interacionalmente também são práticas cronotópicas, em si mesmas, em que “[...] outras histórias são reunidas na historicidade do aqui-e-agora da produção e compreensão. [Onde] [s]ignos ‘da’ história são convertidos em signos ‘na’

história. [...]” (Blommaert, 2015, p. 109). Portanto, os pedaços de textos de Shakespeare e T.S. Eliot trazem consigo pedaços de história como contextos relevantes para a compreensão dos enunciados. Assim, “filha”, “ducados” e “Estou ficando velho?” carregam valores implícitos de identidade, tempo e lugar, ideologicamente carregados de interpretações locais e baseados em uma visão translocal de linguagem (Tanzi Neto; Oliveira, 2018).

A partir das pistas indexicais, estrategicamente performadas por “D”, nos dois *posts*, em combinação com os construtos da translinguagem e cronotopo, posso sugerir que ele negocia as seguintes posições identitárias: a) acadêmico, ao fazer referência à universidade, ao seu *background* literário e a atividades relacionadas a esse espaço (dar palestras); b) como sujeito multilíngue, ao manipular recursos linguísticos associados a uma variedade de línguas; c) como bem instruído, não só por dominar o bengali padrão, mas também por se mostrar engajado em temas políticos e culturais diversos; e d) como um autêntico bangladeshiano com autoridade para falar de e sobre seu país e cultura.

Em síntese, a articulação dos conceitos de cronotopo e práticas/espços translíngues me permite chegar a algumas reflexões e vislumbrar contribuições para os estudos da linguagem em situações de multilinguismo on-line, tais como:

- a) A compreensão das práticas de linguagem como recursos cronotopicamente organizados traz olhares outros para o nosso entendimento de língua, mobilidade e suas associações com certos espaços e tempos;
- b) A compreensão do *contexto* parte de uma noção dinâmica das relações históricas, políticas e sociais que orientam e são orientadas pelas práticas comunicativas. Portanto, não se trata de falar apenas do uso da língua em contexto, mas como essa também (re)cria outros contextos;
- c) A pressuposição de que performar ou se posicionar de modo bi/multilíngue constitui uma ação interacional não só provocada pelos propósitos e motivos individuais, mas também socialmente orientada, resultado de negociações em determinadas configurações de tempo e espaço;
- d) A consideração de que os efeitos de sentido dos nossos posicionamentos identitários (re)contextualizam discursos produzidos além do contexto imediato de nossas performances.

Diante do que foi discutido, nota-se que enunciar no *Facebook* é evocar espaços-tempos populados por outras vozes, ideologias e experiências. Juntos, esses elementos constroem diferentes mundos com contornos temporais e espaciais particulares, sendo laminados ou estratificados em diferentes níveis de interação. As performances dos sujeitos, assim, são negociadas discursivamente, a partir da justaposição de recursos semióticos diversos, seja através de experiências passadas e/ou de perspectivas valorativas diversas.

6 CONCLUSÃO: PARA ONDE OS CRONOTOPOS PODEM NOS LEVAR?

A partir das reflexões aqui empreendidas, pode-se concluir que nem as línguas, nem as identidades são fenômenos em si mesmos, mas perspectivas sobre ser e estar no mundo. Conceitos como o de cronotopo, nessa lógica, se apresentam como metáforas

para melhor compreendemos a ação social através da linguagem. Assim, mesmo não sendo pensada como ferramenta que pode explicar toda a realidade social, essa proposta permite revelar como contextos e identidades são discursivamente construídos e negociados. Neste texto, as relações espaço-temporais (contextuais) analisadas a partir de postagens no *Facebook* de um sujeito multilíngue apontaram para diferentes histórias e experiências que modelaram o aqui e agora da comunicação. Por meio de práticas discursivas que mobilizaram variados recursos linguísticos, “D” performou diferentes posicionamentos identitários indexando sua trajetória como um sujeito partícipe de uma gama de comunidades discursivas.

Este artigo, embora tenha trazido um pequeno recorte de uma discussão maior sobre o lugar das práticas translíngues nas performances identitárias de sujeitos multilíngues no *Facebook*, buscou apresentar caminhos teórico-analíticos possíveis para problematizar o lugar do tempo e do espaço na negociação e coconstrução discursiva da identidade. Assim, ciente das lacunas que podem ter sido deixadas na seleção desse escopo, chamo a atenção para a necessidade de mais estudos explorarem outras metáforas que podem explorar o potencial das relações espaço-temporais para o entendimento de práticas translíngues em redes sociais, sendo a noção de *escalas* uma delas. O confronto entre as noções de escala e cronotopo pode ser produtivo para pesquisadores envolvidos no debate sobre como a negociação de poder em diferentes níveis escalares (global, nacional, regional, local) impacta o uso de e as noções de prestígio de determinados recursos linguísticos em configurações espaço-temporais particulares.

Dessa maneira, campos de estudos sobre a linguagem podem atender às demandas de um mundo cada vez mais globalizado e fluido em que os usos da língua em contextos específicos se imbricam em dinâmicas sociais mais amplas, se (des)locando entre a conformidade e a subversão de práticas discursivas monolíngues.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. Recombinant selves in mass mediated spacetime. *Language and communication*, v. 27, p. 320–335, 2007.
- BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec; Annablume, 1993.
- BAKHTIN, M. Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, M. *The dialogic imagination: four essays by M. M. Bakhtin*. Trad.: Michael Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin, TX: Texas University Press, 1981.
- BLOMMAERT, J. Are chronotopes helpful? *Working Papers in Urban Language & Literacies*. Paper 243, p. 1-9, 2018.

- BLOMMAERT, J. Chronotopes, scales, and complexity in the study of language in society. *Annual Review of Anthropology*, v. 44, p. 105–116, 2015.
- BLOMMAERT, J.; DE FINA, A. Chronotopic identities: on the timespace organization of who we are. In: DE FINA, A.; IKIZOGLU, D.; WEGNER, J. (org.). *Diversity and Super-Diversity: Sociocultural Linguistic Perspectives*. Washington: Georgetown University Press, 2017, p. 1-15.
- BRANDÃO, L. A. *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Locating identity in language. In: LLAMAS, C.; WATT, D. (org.). *Language and identities*. Edinburgh University Press, 2010, p. 18-28.
- BUSCH, B. The linguistic repertoire revisited. *Applied Linguistics*, v. 33, n. 5, p. 1-22, 2012.
- CANAGARAJAH, A. S. Translanguaging in the classroom: emerging issues for research and pedagogy. *Applied Linguistics Review*, v. 2, p. 1-28, 2011.
- CANAGARAJAH, A. S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 1-25, 2017.
- CREESE, A.; BLACKLEDGE, A. Translanguaging in the bilingual classroom: a pedagogy for learning and teaching? *The Modern Language Journal*, v. 94, n. 1, p. 103-115, 2010.
- DOVCHIN, S. Inverted youth language in Mongolia as macroscopic and microscopic chronotopes. In: SWANENBERG, J.; KROON, S. (org.). *Chronotopic identity work*. Londres: Multilingual Matters, 2020, p. 25-48.
- GARCÍA, O.; LI, W. *Translanguaging: language, bilingualism, and education*. New York: Palgrave MacMillan, 2014.
- GUMPERZ, J. J. Linguistic and social interaction in two communities. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6/2, p. 137–53, 1964.
- HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. (org.). *Positioning theory: moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell, 1999.
- HIGGINS, C. Space, place, and language. In: CANAGARAJAH, A. S. (org.). *The Routledge Handbook of Migration and Language*. London/ New York: Routledge, 2017, p. 102-116.
- KARREBÆK, M. S.; MØLLER, J. S. Languages and regimes of communication: students' struggles with norms and identities through chronotopic work. In:

SWANENBERG, J.; KROON, S. (org.). *Chronotopic identity work*. Londres: Multilingual Matters, 2020, p. 128-152.

KOZINETZ, R. V. *Netnography: doing ethnographic research online*. Londres: Sage, 2010

LI, W. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of Pragmatics*, v. 43, p. 1222-1235, 2011.

LI, W. Translanguaging as a practical theory of language. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 9-30, 2018.

LUCENA, M. I. P. O papel da translinguagem na linguística aplicada (in)disciplinar. *Revista Da Anpoll*, v. 52, n. 2, 25-43, 2021.

LUCENA, M. I. P.; CARDOSO, A. C. Translinguagem como recurso pedagógico: uma discussão etnográfica sobre práticas de linguagem em uma escola bilíngue. *Calidoscópico*, v. 16, n. 1, p. 143-151, 2018.

MAZAK, C. M. Introduction: theorizing translanguaging practices in higher education. In: MAKAK, C. M.; CARROLL, K. S. (org.). *Translanguaging in higher education: beyond monolingual ideologies*. Bristol: Multilingual Matters, 2017.

NUMBER OF *Statista*. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>. Acesso em 15 dezembro 2022.

PENNYCOOK, A; OTSUJI, E. *Metrolingualism: language in the city*. Oxon, UK: Routledge, 2015.

RAMPTON, B. *Crossing: language and ethnicity among adolescents*. London: Longman., 1995.

ROCHA, C. H. Educação linguística na liquidez da sociedade do cansaço: o potencial decolonial da perspectiva translíngue. *D.E.L.T.A.*, v. 35, n. 4, p. 1-39, 2019.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Ensino de língua estrangeira como prática translíngue: articulações com teorizações bakhtinianas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 411- 445, 2015.

RYMES, B. *Communicating beyond language*. Everyday Encounters with Diversity. London: Routledge, 2014.

SMITH, N; KATZ, C. Grounding metaphor: towards a spatialized politics. In: KEITH, M. (org.). *Place and the politics of identity*. Routledge, 1993, p. 66-81.

TANZI NETO, A.; OLIVEIRA, G. C. de A. Translocalidade, repertórios e indexicalidades: efeitos constitutivos do discurso contemporâneo em espaços digitais superdiversos. *Revista Intercâmbio*, v. 38, p. 46-68, 2018.

WORTHAM, S. *Narratives in action*. New York: Teacher College Press, 2001.